

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

CHANTAL AKERMAN, TRAVELLING

30 de Maio de 2025

NEWS FROM HOME / 1976

um filme de CHANTAL AKERMAN

Realização, Argumento, Voz (narração, versão original): Chantal Akerman *Fotografia* (16 mm, cor): Babette Mangolte *Montagem:* Francine Sandberg *Assistência de realização:* Paule Zadjerman, Epp Kotkes *Som:* Dominique Dalmasso, Larry Haas.

Produção: Paradise Film com Unité Trois, I.N.A. (Bélgica, França, 1976) *Cópia:* Cinematek, DCP, cor, falado em francês com legendas electrónicas em português *Duração:* 89 minutos *Estreia mundial:* 20 de Maio de 1977, no Festival Internacional de Cinema de Cannes *Primeira Exibição em Portugal:* 4 de Setembro de 1977, no Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz (exibido de novo na 25ª Edição do Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz, na secção "Programas Monográficos", em Setembro de 1996) *Primeira exibição na Cinemateca:* 23 de Março de 2002, na versão em holandês ("Cinema e Pintura" / Módulo V, apresentado por Eric De Kuyper); 7 de Setembro de 2004, na versão original francesa ("Uma Viagem a Nova Iorque").

NEWS FROM HOME leva-nos a Nova Iorque, década de 1970, onde Chantal Akerman viveu cerca de ano e meio, repartido em vários períodos substancialmente concentrados em 1971/72. Akerman filma a cidade em que viveu: Manhattan, a parte baixa, sobretudo o Soho, Yonkers e as linhas de metro. Decidiu realizar este filme a bordo de um avião que a dada altura a reconduzia à América, e utilizar as cartas que a mãe lhe escrevia da Europa, em 1972, falando-lhe do quotidiano familiar em Bruxelas e da ideia mítica da metrópole americana que a sua geração alimentava. São estas cartas, lidas por extenso em tom rápido e monocórdico, que se ouvem em *off*. Há mesmo duas versões de NEWS FROM HOME: a versão francesa, original, que é normalmente apresentada, em que a voz *off* é a da própria realizadora, e uma versão em holandês em que as mesmas cartas são lidas por uma actriz bastante mais velha. Esta segunda versão foi feita por Chantal Akerman como resposta ao pedido de Hubert Bals, então director do Festival de Roterdão, para evitar que as legendas invadissem a imagem de um filme em que a leitura das cartas é um elemento constante. Algo muda na percepção de NEWS FROM HOME, já que na versão original a voz de Chantal pode transmitir a impressão equívoca de que é a rapariga quem escreve as cartas à mãe, o que na versão em holandês não sucede, introduzindo uma estranheza de vários níveis.

Depois dessa estadia em que conheceu o cinema de Stan Brakhage, Michael Snow, Jonas Mekas e Andy Warhol, Akerman sentiu a vontade de experimentar fazer um filme narrativo, como olhava para NEWS FROM HOME. *Narrativo*, na medida em que começa num lugar determinado, com um carro que entra numa rua, e termina no momento em que nos afastamos de Nova Iorque. *Narrativo*, mas que escapasse aos códigos tradicionais do realismo. E que pretendesse um "filme musical", no sentido em que NEWS FROM HOME "joga com sensações, com intensidades. É muito construído sobre rupturas de ritmo e de som, há silêncios, depois os enormes ruídos que cortam os silêncios e tudo recomeça. Depois, é de novo mais lento e de novo mais rápido, é verdadeiramente construído como a música de Schönberg, enfim, no que conheço dela". Ou, ainda em palavras suas: "Nos meus filmes sigo um trajecto contrário aos dos realizadores de filmes políticos. Esses têm um esqueleto, uma ideia que depois preenchem com carne: eu, em primeiro lugar tenho a carne. O esqueleto aparece depois."

"Sabia como [NEWS FROM HOME] ia começar, como era preciso que acabasse, que o metro subterrâneo ou de superfície seria uma espécie de estribilho variável e que entre isso haveria outros

planos.” Akerman partiu, portanto, da ideia de dois planos, precisamente o inicial e o último, e deixou-se levar pela intuição. Encontrou a estrutura na montagem, que terá durado quinze dias para a imagem e mais dois meses no que respeita ao som, que não é realista nem síncrono, havendo momentos em que os ruídos da cidade, por exemplo do trânsito, acompanham a imagem, outros em que o mesmo não acontece. *Musical*, mas não sinfónico: NEWS FROM HOME é um filme de uma cidade, da sua monotonia e trajectos quotidianos, não da sua exaltação, e portanto longe da sua “lenda”. A sobreposição das notícias vindas da Europa, por vezes abafadas pelos ruídos das ruas de Nova Iorque, sublinha o desfasamento entre a ideia da oportunidade procurada – Nova Iorque sempre foi a cidade em que se vive de passagem, durante o tempo em que se procura uma oportunidade de vida –, centrando a atenção no reverso da medalha, uma cidade onde os encontros parecem difíceis e os habitantes concentrados nos seus percursos pessoais. Não é a cidade vista do cimo do Empire State Building, mas a que se vê na perspectiva do transeunte. A posição da câmara mantém sempre esse nível, do olhar do transeunte que passa.

O movimento de Nova Iorque – bairros, ruas, estações de metro –, é filmado em longos planos fixos na primeira parte do filme. Outros são captados a partir de um automóvel em movimento e na parte final há mais *travellings* e panorâmicas. Sempre que se sai do exterior (das ruas, do trânsito, das esquinas em que os peões circulam), é para entrar numa estação de metro, para percorrer a cidade em túneis subterrâneos. É evidente que neste filme, dos mais fabulosos de Chantal Akerman, além do elogio da conversa com a mãe, que toda a sua obra propõe e um filme como o final NO HOME MOVIE (2015) remata poderosamente, a cineasta trabalha especialmente a duração. E não é decerto acaso que o último plano tenha dez minutos, a duração de uma bobina, dando-nos, por fim, uma visão de conjunto de Nova Iorque, até então vista em imagens que a captam em fragmentos. O longo plano-sequência que fecha NEWS FROM HOME não prescinde da altura do olhar de um visitante – ou de um habitante nova-iorquino –, mas, afastando-se da cidade pelo rio, a perspectiva altera-se. Então Nova Iorque é vista como “uma ilha”, um cenário cada vez mais atraente e cada vez mais irreal, mais vaga e menos nítida, em que o recorte do cimo das torres gémeas, entretanto tornadas visão fantasmática, se confunde com o desenho das nuvens.

Maria João Madeira